

**cidades afetivas:
educação climática, convivialidade e regeneração dos territórios**

**affective cities:
climate education, conviviality and regeneration of territories**

Vivian Aparecida Blaso Souza Soares César

Professora

Centro Universitário Armando Álvares Penteado (FAAP)

São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2348-3813>

Pedro Roberto Jacobi

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

Instituto de Energia e Ambiente (IEE-USP)

São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6143-3019>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17458765>

Resumo: O projeto *Cidades Afetivas* apresenta-se como resposta crítica e sensível às polícrises contemporâneas; climática, urbana, social e afetiva. Frente ao contexto de uma sociedade marcada pelo produtivismo, excesso de conectividade e busca incessante por desempenho (HAN 2021), propomos o resgate das relações conviviais, do bem viver e dos vínculos comunitários nos territórios. Inspirado no pensamento complexo de Edgar Morin e nos princípios da Educação Ambiental crítica, o projeto aposta que a educação climática precisa ser situada, vivenciada e enraizada nas realidades locais. Pesquisa recente na Prefeitura do Campus da Universidade de São Paulo na Capital (PUSP-C) identificou quatro dimensões essenciais à promoção da afetividade: (1) convivência e pertencimento; (2) saúde e bem-estar; (3) sustentabilidade e engajamento; (4) cultura e meio ambiente. Por meio de escuta sensível com discentes, docentes, técnicos e pesquisadores, emergiram demandas por reconexão, escuta ativa por parte da governança e caminhos para a regeneração territorial a partir da convivialidade. Educar para o clima é educar para a vida em comum. Apostamos na força dos encontros, das expressões artísticas e das economias solidárias como catalisadores de novos pertencimentos; psicoafetivo e psicocultural, tão caros aos pertencimentos urbanos. Frente à lógica performativa dominante, propomos uma prática educativa comprometida com a justiça socioambiental, o reencantamento da democracia e a regeneração das cidades a partir dos afetos.

Palavras-chave: (1) Educação ambiental climática; (2) Cidades afetivas; (3) Convivialidade; (4) Bem viver; (5) Regeneração urbana.

Abstract: The Affective Cities project presents itself as a critical and sensitive response to contemporary polycrises: climate, urban, social and affective. Faced with the context of a society marked by productivism, excessive connectivity and the incessant search for performance (HAN 2021), we propose the recovery of convivial relationships, good living and community ties in the territories. Inspired by the complex thinking of Edgar Morin and the principles of critical Environmental Education, the project believes that climate education needs to be situated, experienced and rooted in local realities. Recent research at the City Hall of the University of São Paulo Campus in the Capital (PUSP-C) identified four essential dimensions for the promotion of affectivity: (1) coexistence and belonging; (2) health and well-being; (3) sustainability and engagement; (4) culture and environment. Through sensitive listening with students, teachers, technicians and researchers, demands for reconnection, active listening by governance and paths for territorial regeneration based on conviviality emerged. Educating for the climate is educating for life in common. We believe in the power of encounters, artistic expressions and solidarity economies as catalysts for new urban belongings. In the face of the dominant performative logic, we propose an educational practice committed to socio-environmental justice, the re-enchantment of democracy and the regeneration of cities based on affections.

Keywords: (1) Climate environmental education; (2) Affective cities; (3) Conviviality; (4) Good living; (5) Urban regeneration.

Introdução

Atualmente vivenciamos uma sobreposição de polícrises que, interconectadas, intensificam os impactos da crise ecológica, das mudanças na geopolítica global, das transformações demográficas e dos modos de vida que afetam diretamente a saúde mental coletiva.

A emergência climática, somada aos desafios dos ecossistemas urbanos já em colapso em escala planetária como evidenciam os relatórios do IPCC (2024) sobre Mudanças Climáticas, expõe de forma contundente a urgência de respostas. Esses desafios resultam do uso insustentável de energia e da terra, aliado aos padrões de consumo e produção além das desigualdades entre norte e sul global, afetando os indivíduos e impulsionando efeitos devastadores tanto para as comunidades quanto para a biodiversidade.

Somados aos impactos cada vez mais intensos dos eventos extremos sobre o planeta, a saúde mental também passou a ocupar um lugar central no debate social, afetando diretamente as relações afetivas, que aprofundados desde a pandemia de COVID-19, escancarou uma demanda emergente por novas formas de convivialidade na direção da construção de um sentido de vida em comum naquilo que Edgar Morin (2013) define como “*comunidade de destino planetária*”.

Estamos cada vez mais imersos em uma crise afetiva, frente à hipertecnologização da vida aceleradas pelos avanços das Inteligências Artificiais, que agora impõe aos indivíduos a necessidade definitiva da religação entre indivíduo-espécie-sociedade como proposto por Edgar Morin em sua vida e obra. Neste sentido, a necessidade dessa religação e com a noção de pertencimento cósmico, trouxe à tona a urgência de repensarmos sobre o futuro da vida em comum e o resgate das relações comunitárias para uma educação climática inclusiva.

Byung-Chul Han (2021), em *A Sociedade do Cansaço*, já havia diagnosticado estes efeitos corrosivos do excesso de desempenho sobre a saúde mental e coletiva. Em diálogo, com as propostas de Edgar Morin (2020) estes pensadores convocam a sociedade para um pensamento complexo que reconheça a interdependência entre os seres e a urgência de regenerar a biosfera como condição máxima para o futuro da humanidade. É neste contexto que emergiu o projeto “*Cidades Afetivas*” (CESAR 2018).

A tríade conceitual:

Bem Viver, convivialismo e vida em comum

O *Cidades Afetivas*, foi concebido como um observatório dos movimentos afetivos que emergem nas cidades, o projeto fundamenta-se na tríade conceitual do Bem Viver (ACOSTA, 2016), do Convivialismo (MANIFESTO CONVIVIALISTA 2022) e da Vida em Comum (DARDOT & LAVAL

2017). Esses referenciais orientam a busca por caminhos que viabilizem a regeneração dos territórios urbanos a partir da afetividade.

O *Bem Viver*, inspirado nas cosmovisões andinas e sistematizado por Alberto Acosta (2016), propõe um modo de vida baseado na harmonia entre seres humanos e natureza, rompendo com paradigmas de crescimento ilimitado e consumo desenfreado.

O *Convivialismo*, presente no *Manifesto Convivialista* (2022), defende a cooperação, a solidariedade e a ética do cuidado como fundamentos para sociedades mais justas e equilibradas.

A *Vida em Comum*, de Pierre Dardot & Christian Laval (2017), resgata a dimensão política do comum, questionando a lógica individualista vigente e reposicionando a cidade como espaço de partilha e corresponsabilidade.

A partir da observação e das performances e das intervenções dos coletivos que ressignificam o espaço urbano, o *Cidades Afetivas* contrapõe-se à urbanidade dominante moldada para o desempenho e organizada em torno da tríade: trabalho—automóvel—*shopping centers*, na qual a produção e o consumo ditam o ritmo da vida cotidiana. Com base nas etnografias urbanas, e nas histórias de vida dos integrantes dos coletivos, o projeto mapeia narrativas e práticas que escapam à ordem neoliberal e evidenciam a potência das micro-revoluções afetivas que florescem em praças, hortas urbanas comunitárias, parques e outros espaços de convivência nas cidades.

Tais perspectivas colaboram com a transformação do ideal em projeto concreto ao criar possibilidades aos territórios para sustentar a vida e promover regeneração a partir dos afetos.

O caminho percorrido durante as observações dos coletivos envolve escuta ativa, diagnóstico participativo, cocriação de indicadores, experimentação de soluções e avaliação contínua. Na prática, isso significa reverter a lógica fragmentada da gestão urbana e convocar tanto o poder público, academia, coletivos e cidadãos a compreenderem a visão sobre o território. Porque a regeneração sistêmica, envolve a reconstrução dos vínculos e o cultivo dos afetos e das relações comunitárias que sustentam a possibilidade da vida em comum tendo como premissas a Ética e do cuidado no contexto socioecológico.

A prática da comunicação com a comunidade voltada à educação climática, desenvolvida pelo *Cidades Afetivas*, articula diversas frentes complementares. Entre elas estão: as pesquisas acadêmicas, a produção e divulgação de minidocumentários com as temáticas socioambientais, as entrevistas com atores sociais e lideranças de projetos urbanos, além de ativações artísticas e conteúdos publicados no canal do YouTube como parte de um projeto de extensão universitária ligada ao *Centro Universitário Armando Álvares Penteado* (FAAP). Neste contexto, destaca-se o *podcast: Conversa Sustentável*¹, realizado em parceria com estudantes da graduação, que ampliam os diálogos sobre afetividade, sustentabilidade e regeneração.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@CidadesAfetivas>

Essas estratégias de comunicação com as partes interessadas não apenas fortalecem as redes de coletivos urbanos, mas também produzem evidências que subsidiam incidências em políticas públicas voltadas à regeneração das cidades. Ao integrar ciência, arte e ação comunitária, o projeto aproxima a produção de conhecimento da vida cotidiana e amplificam o potencial de transformação e regeneração urbana e social.

Neste contexto, a pesquisa intitulada: “*Cidades Afetivas do local para o global: aplicação e elaboração de métricas para mensuração de indicadores de Cidades Afetivas na Prefeitura do Campus USP da Capital (PUSP-C)*”² foi realizada entre março de 2023 e março de 2025, sob supervisão do Professor Doutor Pedro Roberto Jacobi³.

O estudo buscou ampliar o conhecimento científico e metodológico relacionado à criação de métricas e indicadores voltados à promoção de *Cidades Afetivas, Sustentáveis e Conviviais*, orientadas pelo princípio do bem viver em escala local e comunitária, mas também alinhadas a perspectivas globais e sistêmicas.

Em diálogo com as reflexões propostas por Daniel Christian Wahl (2020) e Kate Raworth (2017), a pesquisa considerou que a regeneração socioambiental e a promoção do bem viver dependem de uma integração sistêmica com o território.

Wahl (2020) enfatiza que projetar futuros regenerativos de forma coletiva e promover diálogos comunitários sobre sua implementação são processos culturalmente transformadores, capazes de oferecer respostas integradas às crises convergentes que enfrentamos como humanidade. De maneira complementar, Kate Raworth (2017), em *Economia Donut: uma alternativa para repensar o crescimento a qualquer custo*, apresenta um modelo sistêmico que se aproxima da proposta do *Cidades Afetivas*, ao buscar equilibrar as necessidades humanas básicas a partir do “*alicerce social*” considerando os limites planetários, visando um desenvolvimento sustentável, justo e generoso. Essas visões serviram como ponto de partida para a formulação dos indicadores de afetividade desenvolvidos como um dos resultados da pesquisa.

O objetivo central do estudo foi o de propor indicadores que orientem políticas públicas e práticas institucionais de governança afetiva, capazes de criar territórios mais inclusivos e voltados à convivência. O Campus USP Capital foi escolhido como projeto piloto por sua complexidade simbólica e institucional, configurando-se como laboratório vivo para compreender

² Pesquisa realizada sob a Supervisão do Professor Doutor Pedro Roberto Jacobi. Disponível em: <https://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoav/vivian-blaso>

³ **Pedro Roberto Jacobi** é Coordenador do grupo de pesquisa *Meio Ambiente e Sociedade* e Pesquisador Colaborador do IEA-USP junto ao Programa USP *Cidades Globais*. Disponível em: <https://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoap/pedro-roberto-jacobi>

desafios e oportunidades na construção de espaços que favoreçam vínculos comunitários, saúde mental e corresponsabilidade socioambiental.

Metodologia

A metodologia da pesquisa foi estruturada a partir dos três princípios que norteiam o *Cidades Afetivas*:

- Autoconhecimento e Autodesenvolvimento;
- Ativação da Comunidade e Fortalecimento da Coletividade, e
- Cuidado e Regeneração Sistêmica do Contexto Socioecológico⁴.

Tal metodologia busca, através da escuta afetiva, incluir as partes interessadas no território que envolvem desde a sociedade civil organizada até empresas, governos, cientistas, educadores, universidades e organizações sociais, na promoção do redesenho das práticas urbanas baseada em análises sistêmicas e propositivas, sustentadas por conhecimento aplicado e transdisciplinar com ênfase no coletivo.

Ao ingressar no debate sobre cidades e afetividade, torna-se evidente que a proposta de regeneração urbana defendida pelo *Cidades Afetivas* vai muito além de intervenções ambientais ou estruturais. Trata-se de um reposicionamento profundo do modo como concebemos e habitamos a cidade: um convite à escuta sensível, ao reconhecimento do outro e à valorização das relações humanas como elemento constitutivo do tecido urbano. A essência dessa visão é compreender que regenerar o território só é possível quando seus habitantes se percebem parte dele, sentindo-se coautores da vida coletiva e corresponsáveis pela sua sustentabilidade.

A partir da revisão de literatura foi possível identificar quatro metatemas fundamentais para a afetividade:

- Afetividade e Convivialidade;
- Saúde e Bem-Estar;
- Aspectos Ambientais e Culturais, e
- Engajamento e Sustentabilidade.

Na sequência, desenvolveu-se uma metodologia em duas etapas complementares para escuta das partes interessadas no território através de grupos focais aplicados aos funcionários, professores, pesquisadores e na aplicação de questionários aplicados aos alunos da *Geração Z* pertencentes a graduação do Campus. Após essa etapa prosseguimos com a

⁴ *Cidades Afetivas* — Princípios. Disponível em:
<https://www.cidadesafetivas.com.br/#dobra2>

sistematização dos dados e elaboração dos indicadores a partir dos resultados encontrados.

Declaração de uso da IA

Durante a elaboração deste trabalho, a autora utilizou a ferramenta ChatGPT com o objetivo de:

- organização das respostas abertas do questionário de acordo com as categorizações propostas pela autora e
- sugestão de correlações entre os dados encontrados, tanto nos grupos focais, como no questionário utilizando os princípios da correlação sistêmica.

Após o uso da ferramenta ChatGPT, a autora revisou e editou o conteúdo conforme necessário e assume total responsabilidade pelo conteúdo da publicação. A IA foi utilizada na pesquisa de acordo com as diretrizes éticas e científicas, propostas no livro *IA para Pesquisadores* (2024).

Principais resultados

Os grupos focais conduzidos com docentes, pesquisadores e funcionários do Campus USP Capital evidenciaram desafios estruturais que fragilizam a afetividade no campus. Destacamos os pontos mais recorrentes; a fragmentação departamental, a escassez de espaços destinados à convivência e a percepção de distanciamento entre a gestão e a comunidade acadêmica. Participantes da pesquisa também relataram a ausência de diálogo efetivo, a dificuldade de reconhecimento profissional e o predomínio de uma cultura orientada ao desempenho, que frequentemente invisibiliza dimensões relacionais e de bem-estar.

Os dados quantitativos obtidos com o questionário aplicado aos estudantes da graduação confirmaram e aprofundaram essas percepções:

- 33% declararam baixa socialização com colegas;
- 67% dormem menos do que o recomendado pela OMS, e
- quase 90% relataram níveis moderados ou elevados de estresse.

Mais da metade dos respondentes indicou que nunca ou raramente utilizaram os espaços culturais e esportivos do campus, revelando uma baixa apropriação desses locais.

Esse conjunto de evidências aponta para um ambiente propenso ao isolamento, com oportunidades restritas para interações espontâneas

condição que enfraquece vínculos de afetividade e dificulta a construção de relações de convivialidade no território.

Apesar desse diagnóstico, foi possível perceber que emergiram sinais de potencial regenerativo: tanto nos grupos focais quanto no questionário, estudantes e trabalhadores expressaram desejo de retomar eventos culturais, criar áreas de encontro mais acolhedores (como cafés e praças de convivência) e fortalecer a vida cotidiana no campus.

Outro aspecto relevante foi a correlação sistêmica entre valores identificados entre os três grupos ouvidos (docentes, pesquisadores e funcionários) e os estudantes da *Geração Z*; onde a solidariedade, confiança, identidade, ética, cooperação, clima organizacional, respeito e qualidade da gestão universitária surgiram como fundamentais para consolidar a afetividade no território investigado e orientar futuras práticas de regeneração e governança do Campus.

A partir das análises e dos resultados encontrados também foram criados os indicadores de afetividade que poderão ser aplicados em pesquisas futuras no território. Os indicadores, foram subdivididos por dimensão abordada nesta pesquisa sendo:

Dimensão 1 - Relações de Afetividade e Convivialidade;

Dimensão 2 - Saúde e bem-estar;

Dimensão 3 - Engajamento e Sustentabilidade, e

Dimensão 4 - Cultural e Ambiental.

Também dividimos por tipo de indicador; os que devem ser coletados de acordo com indicadores institucionais (mecanismos de gestão e governança do campus, e o outros em caráter individual, mesmo que sejam coletados em caráter institucional, mas são aqueles que estão ligados ao bem estar físico e mental dos indivíduos pertencentes a comunidade acadêmica e a forma como sentem em relação às suas interações no território, estes estão ligados aos princípios do Cidades Afetivas: bem viver, convivialismo e a vida em comum no campus.

Reconhecer os territórios como organismos vivos, em constante interação com seus habitantes, permite construir indicadores que não sejam apenas métricas frias, mas expressões da qualidade das relações, do cuidado e da capacidade regenerativa de cada lugar. Assim, a afetividade se torna um elemento estratégico de planejamento urbano, com potencial para fortalecer políticas públicas comprometidas com o bem viver e com a regeneração da vida urbana.

Caminhos para o futuro

Nesta comunicação, o trabalho realizado apresenta uma prática educativa comprometida com a justiça socioambiental, com os “encontros

interações” (MORIN 1997) por meio da arte e da economia solidária como alguns caminhos de resistência e resiliência na construção do bem viver.

A visão do *Cidades Afetivas* é criar círculos virtuosos de transformação, em que comunidades se tornam protagonistas da regeneração social e ecológica. Essa transformação passa por etapas claras: escuta ativa, diagnóstico participativo, cocriação de indicadores, experimentação de soluções e avaliação contínua.

Mais do que restaurar ambientes degradados, regenerar significa reconstruir vínculos e cuidar dos afetos que sustentam a vida em comum. Trata-se de reencantar a democracia, ressignificar os espaços coletivos e promover novas narrativas sobre o que significa viver bem em uma cidade.

Referências

ACOSTA, Alberto (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo, Autonomia Literária; Elefante.

BELL, Karen (2017). “Living well as a path to social, ecological and economic Sustainability”, *Urban Planning*, v. 2, n. 4: 19–33.

CESAR, Vivian Blaso Souza Soares & JACOBI, Pedro Roberto (2024). “O verbo cuidar está em crise: o resgate da dimensão afetiva é essencial para o futuro da nossa espécie”, *Jornal da USP*, São Paulo, 4 jun. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-verbo-cuidar-esta-em-crise-o-resgate-da-dimensao-afetiva-e-essencial-para-o-futuro-da-nossa-especie/> Acesso em: 23/10/2025.

CESAR, Vivian Blaso & CINCOTTO, Sydney (2018). “Cidades afetivas: uma via ecológica para o bem-viver”. *Revista e-metropolis*, n. 32. Disponível em: <http://emetropolis.net/edicao/n32> Acesso em: 23/10/2025.

____ (S/D). “Cidades afetivas: uma via ecológica para o bem-viver”, *Revista Cidades Afetivas – Princípios*. Disponível em: <https://www.cidadesafetivas.com.br/#dobra2>; <https://www.cidadesafetivas.com.br/> Acesso em: 23/10/2025.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian (2017). *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo, Boitempo.

DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB; BIOMIMICRY 3.8; CIRCLE ECONOMY & C40 (2020). *Amsterdam City Portrait*. Amsterdam: DEAL. Disponível em: <https://doughnuteconomics.org/> Acesso em: 23/10/2025.

HAN, Byung-Chul (2017). *A sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Vozes.

IEA-USP - INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (S/D). “Vivian Blaso: pesquisa realizada sob a supervisão do Professor Doutor Pedro Roberto Jacobi”. Disponível em:

<https://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoav/vivian-blaso>.

Acesso em: 23/10/2025.

IPCC - INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (2023). “AR6 Synthesis Report: Climate Change - Headline Statements”. Disponível em:

<https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/resources/spm-headline-statements/>

Acesso em: 23/10/2025.

JACOBI, Pedro Roberto et al. (2022). *Diálogos urgentes em tempos de incerteza e múltiplas crises*. São Paulo, IEE-USP.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (2009). “Etnografia como prática e experiência”, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32 jul./dez.: 15–23.

MORIN, Edgar (2013). *A via para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

RAWORTH, Kate (2017). *Economia Donut: uma alternativa para repensar o crescimento a qualquer custo*. Tradução de []. São Paulo, Zahar.

_____. (2021). *Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo*. Tradução de Clóvis Marques. São Paulo, Zahar.

SAMPARIO, R.C.; SABBATINI, M. & LIMONGI, R. (2024). *Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa: um guia prático para pesquisadores*. São Paulo, Editora Intercom.

WAHL, Daniel Christian (2020). *Design de culturas regenerativas*. Tradução de João Peres. São Paulo, Bambual.

Sobre os autores

Vivian Aparecida Blaso Souza Soares César é professora na FAAP, artista e idealizadora do projeto *Cidades Afetivas*. Doutora em Ciências Sociais, com pós-doutorado no Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP), é pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Governança Ambiental (GovAmb/USP). Atua nas áreas de sustentabilidade, cidades, consumo responsável, governança e tendências.

Pedro Roberto Jacobi é sociólogo, mestre em planejamento urbano, doutor em sociologia e professor titular sênior do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais do Instituto de Energia e Ambiente (IEE-USP). Coordena o Grupo de Pesquisa em Governança Ambiental (GovAmb/USP) e o Grupo de Estudos Ambiente e Sociedade do IEA-USP. É editor-chefe da revista *Ambiente & Sociedade* e presidente do Conselho do ICLEI América do Sul desde 2011.